

CARLOS FALCÃO DE MATOS

*Espíritos
da Natureza*



ALUZ DO SER
edições

Espíritos da Natureza

Título:

Espíritos da Natureza

Autor:

Carlos Falcão de Matos

Editora:

A Luz do Ser, edições

Direitos reservados:

© A Luz do Ser

ISBN:

978-65-00-23044-4

Proibida a reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, distribuição na Web, etc.), sem prévia permissão escrita da editora.

Carlos Falcão de Matos

Espíritos
da Natureza



A Luz do Ser

edições



*Ao Criador, nosso amado Deus, com
infinita gratidão pela sua benevolência.
Aos nossos Anjos e Guias espirituais,
pela sua proteção e valiosos conselhos.
À minha amada esposa, Cleonice Matos,
musa inspiradora e alma gêmea, pelo
seu amor, companheirismo e incentivo.*

Índice

[Sobre o autor](#)

[ESPÍRITOS DA NATUREZA](#)

[Qual é a origem dos Elementais?](#)

[OS REINOS DOS ELEMENTAIS](#)

[Reino da Água](#)

[Sereias](#)

[Ondinas](#)

[Ninfas](#)

[Reino do Ar](#)

[Silfos](#)

[Fadas](#)

Reino da Terra

[Hamadriades](#)

[Gnomos](#)

[Duendes](#)

Reino do Fogo

[Salamandras](#)

LIVROS

Bibliografia

Sobre o autor

Carlos Falcão de Matos foi editor de livros didáticos, paradidáticos e infantis, entre outras publicações e coautor de manuais escolares de ciências naturais. Também foi autor de livros infanto-juvenis, destacando-se a agenda pedagógica A MINHA AGENDA, com desenhos de Zé Manel e parceria comercial com a RTC/RTP (Rádio Televisão Portuguesa). Essa publicação foi durante onze anos uma importante referência editorial devido ao seu sucesso junto dos jovens (e menos jovens) leitores.

Na sua longa carreira profissional de mais de três décadas como editor, o autor fez parte de prestigiadas editoras portuguesas, como a PLÁTANO EDITORA, de que foi sócio fundador em 1972 e diretor de produção. Em 1975 foi sócio, administrador e diretor-geral da DIDÁTICA EDITORA, empresa fundada em 1944 por três sócios, entre os quais o seu avô, o insigne professor e autor didático Alves de Moura.

Em 1979 fundou a EDITORIAL O LIVRO, uma empresa pioneira em muitos projetos didáticos inovadores e que alcançou uma invejável posição no mercado do livro escolar. Nessa época foi igualmente diretor da revista pedagógico-recreativa A TURMA X com cento e vinte mil assinantes, constituídos na sua maioria por alunos e professores das escolas do ensino médio.

A residir no Brasil desde 2005, o autor tem-se dedicado à fotografia de Natureza e à escrita de livros sobre o meio ambiente e a vida animal. Os fenômenos paranormais e outras manifestações das esferas espirituais têm sido, também, motivo de estudo e reflexão por parte do autor que sempre se sentiu atraído por um tema que tem tanto de fascinante, quanto de misterioso e transcendente.

Já radicado em terras brasileiras, o autor foi convidado a realizar alguns trabalhos no estrangeiro, nomeadamente em Angola e Moçambique, com reportagens fotográficas de regiões do interior, do litoral e de centros urbanos, para recolha de material iconográfico e conteúdos didáticos destinados a manuais escolares adotados nesses países.

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Desde épocas muito remotas que os Espíritos da Natureza, também chamados de Elementais, são conhecidos por povos de diferentes culturas – como nas antigas civilizações orientais, egípcia e grega, entre outras –, tendo entrado no imaginário popular como divindades da Natureza, pelo que são venerados em muitas religiões e cultos animistas.

Numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, foi colocada esta questão a um Espírito de Luz: «A mitologia dos antigos [acreditava que havia espíritos] encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?», ao que esse sábio espírito respondeu: «Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade».

De fato, os Elementais – pois é a eles que o espírito se refere – atuam sobre todos esses fenômenos e em muitos outros, cujo conhecimento não era permitido saber ou divulgar na época de Kardec, nomeadamente no contexto dos trabalhos do ilustre codificador da doutrina espírita.

Como seres astrais dotados de individualidade e inteligência, os Elementais desempenham um papel de extrema importância na dinamização das energias físico/etéreas do mundo físico e na construção organizada dos elementos naturais.

Esses seres maravilhosos vivem nos quatro reinos da Natureza, mas em dimensões que nos são inacessíveis, embora haja raros casos de serem vistos por seres humanos.

Desses habitats que lhes são próprios, têm a capacidade de sair e intervir no mundo físico, como na gênese dos seres vivos, na intensidade das chuvas e dos ventos, na formação de rochas e cristais, na força das correntes oceânicas, enfim, em todos os fenômenos mecânicos e naturais que, além das causas físicas e químicas do nosso plano material e que lhes estão subjacentes, carecem do concurso vital das energias fluídicas das regiões astrais que esses seres recolhem e manipulam com maestria.

Os Elementais também são poderosos agentes das entidades espirituais que os utilizam para inúmeras tarefas, como nos trabalhos preparatórios de uma tenda umbandista, conforme nos revela o Espírito Ramatís: «Do lado astral, as falanges de trabalhadores já haviam chegado muito tempo antes dos médiuns e preparado o ambiente fluidicamente. Uma varredura energética havia sido feita pelos Elementais (...) fazendo toda a matéria astralina densa que ali se encontrava ser transmutada, permitindo a chegada dos espíritos trabalhadores»¹.

Há diversas espécies de Espíritos da Natureza, mas nenhum deles pode viver no ambiente etéreo de outra classe de Elementais. O médico e alquimista Paracelso (1493-1541)², na sua obra “Philosophia Occulta”, revela que «o Elemento está para o Elemental, como a atmosfera está para o Homem; como a água para os peixes e nenhum deles sobrevive em elemento pertencente à outra classe. Para o Ser Elemental, o Elemento no qual ele vive é transparente, invisível e respirável, como a atmosfera para nós mesmos».

Ainda de acordo com o referido autor, estas pequenas criaturas apresentam algumas semelhanças com os seres humanos, como o fato de poderem contrair

doenças e serem mortais. No entanto, há Espíritos da Natureza que podem alcançar períodos de vida extremamente longos, de três séculos a um milênio – como os Elementais do ar que atingem idades muito avançadas, devido ao pouco ou nulo atrito do habitat em que vivem.

Porque os Elementais são formados por um único elemento, o éter (ou ether) – considerado neste contexto como fluido cósmico – a velocidade vibracional destes pequenos seres é mais elevada do que a do mundo material. Como os planos físico e extrafísico se permeiam, mas não conflitam entre si – não se chocam – os Elementais não são afetados por agentes físico/químicos, como o fogo, a água, o ar ou qualquer outro elemento ou substância pertencente ao nosso mundo terreno.

Embora vivam em planos diferentes, alguns Elementais têm a capacidade de se materializar no mundo físico, mas costumam evitar o contacto com o homem, por se sentirem perturbados pelas vibrações mais densas dos humanos e pelas suas intenções e condutas viciosas.

No entanto, a influência direta que essas criaturas astrais têm sobre o homem e o importante papel que este desempenha no seu desenvolvimento, é-nos revelada pelo investigador argentino Lívio Vinardi³, ao considerar que «o Elemental enriquece e potencializa a energia vital do ser humano, dando-lhe o seu elemento; enquanto o ser humano, por sua própria vibração e inteligência, faz o Elemental ficar mais inteligente». Como consequência deste inter-relacionamento – discreto, mas profícuo – ocorre uma evolução conjunta, fazendo com que homem e espíritos da Natureza retirem mútuo proveito e se tornem indissociáveis.

O médico e metafísico espanhol Gerard A. Vincent Encausse, mais conhecido nos meios ocultistas por Papus (1865-1916), refere que o atributo mais importante desses seres é «animar instantaneamente as formas de substância astral que se condensa à sua volta». Ainda de acordo com Papus, os Elementais

têm um aspeto «variável e estranho, ora são como uma multidão de olhos fixos sobre um indivíduo, ora se apresentam como pequenos pontos fixos e luminosos, rodeados de aura fosforescente».

Charles Leadbeater, no livro “Os Espíritos da Natureza”, descreve-nos os Elementais como sendo dotados «de poderes sobrenaturais associados ao poder mágico da Mãe Natureza (...) Acredita-se que tais seres têm o poder de interferir de forma mágica no destino das pessoas, porque são coirmãos na Natureza».

Mais adiante, revela-nos que os Elementais são «tão sensíveis quanto influenciados pela emoção e pelos pensamentos (...) são seres puros, poéticos, paradoxais e muito, muito sábios... porque isentos de Ego...».

O filósofo Jorge Angél Livraga⁴, fundador da organização internacional “Nova Acrópole”, na sua obra “Os Espíritos Elementais da Natureza”, refere que o conhecimento da existência destes seres é milenar e que já faziam parte da tradição de diferentes povos «tanto na Europa central do séc. XV, como no coração da Índia no segundo milênio a.C.».

Como muitos desses povos não se conheciam nem suspeitavam das suas mútuas existências, o fato de «haver tantos pontos de coincidência [nessas] descrições, nos leva a afastar toda hipótese de casualidade», conclui o insigne autor.

Qual é a origem dos Elementais?

Conquanto seja relativamente escassa a informação sobre estes admiráveis Espíritos da Natureza, parece ser certa a ideia de que os Elementais têm origem na mênada ou centelha divina emanada pelo Criador – uma espécie de princípio divino que pode conduzir à formação da alma, como corpo imaterial inteligente e individual.

A centelha divina, no seu processo evolutivo e para chegar aos planos mais elevados de um espírito puro, terá de passar por fases sucessivas de integração e “vivência” nos reinos mineral, vegetal e animal.

Finalmente, como derradeira etapa nesta jornada no mundo físico, a centelha divina transmigra do estado animal para o estado hominal, convertendo-se em Espírito ao encarnar no homem. Este, também será objeto de múltiplas existências, através das reencarnações, que visam a sua purificação e progresso espiritual.

Da mesma forma se processa a transmigração da centelha divina do estado elemental para o estado hominal, até se converter em Espírito, quando o Elemental encarna como ser humano.

Segundo o Espírito Ramatís⁵, os Elementais são «centelhas de vida individualizadas, com uma etapa primária de evolução cumprida e outra maior e mais rica a ser vivida [como seres humanos]. São, portanto, espíritos em escala sub-humana de evolução» e comportam-se como «crianças espirituais e isto pode ser sentido ainda na vibração de simplicidade», comum nos povos primitivos.

OS REINOS DOS ELEMENTAIS

Os Elementais são classificados em quatro grupos da Natureza – ou Elementos, numa visão imaterial –, designados como reinos da Água, do Ar, da Terra e do Fogo.

Reino da Água

Os Elementais da Água vivem no elemento água, mas numa dimensão espiritual imperceptível, que se designa por éter líquido ou úmido. Uma das características que é comum aos espíritos deste reino é a extraordinária beleza das entidades femininas, sendo que não são conhecidos seres do sexo masculino. No entanto, caso o desejem, podem assumir temporariamente a figura humana de homem ou mulher.

Estes Espíritos da Natureza interagem diretamente com as criaturas aquáticas, possuindo grande poder no elemento água. Aí residem nas concavidades de corais e rochas marítimas ou entre a vegetação de lagos e cursos de água doce.

Consoante o meio em que vivem – rios, cascatas, oceanos etc. – apresentam formas e características diferentes, sendo as Sereias, as Ninfas e as Ondinas as entidades mais conhecidas.

São seres que nos ajudam a manter os corpos astrais em equilíbrio e que despertam a intuição e a criatividade artística, estimulando e aprimorando as nossas capacidades sensitivas de modo a fazermos melhor uso da inteligência emocional.

Não foi por acaso que o grande poeta português Luís de Camões a elas se referia, quando invocava as Tágides – as Ninfas do Rio Tejo – para o inspirarem enquanto compunha “Os Lusíadas”, a obra-prima que o imortalizou.

Sereias

São graciosos seres que se manifestam com corpo de mulher e cauda de peixe. Conhecidas pelo seu melodioso canto – irresistivelmente fascinante – as Sereias têm a injusta reputação de seduzir navegadores e marujos que, enfeitiçados pelo seu encanto, são atraídos para as profundezas dos mares, onde perecem afogados. Trata-se de antigas lendas com séculos de existência e que ainda fazem parte da crença popular de algumas regiões costeiras.

Na verdade, estas encantadoras e emotivas criaturas têm um comportamento amigável com o homem, sendo reportados vários casos de ajuda e colaboração com os humanos. O habitat destes formosos seres são os mares e oceanos de todo o mundo, onde se movimentam livremente.

Ondinas

Vivem nas águas doces – rios, lagos e cachoeiras, entre outros –, assim como na folhagem das plantas, quando cobertas de chuva ou de orvalho. Têm aspeto humano, sendo por vezes perceptíveis em forma de uma tênue névoa de luz, devido à energia que retiram da água e que lhes confere essa luminosidade. As Ondinas, como todos os seres deste reino, costumam ser representadas como seres femininos.

Alguns autores consideram o termo Ondinas como a designação genérica para os Elementais da Água.

Ninfas

Semelhantes às Ondinas, mas de menores dimensões, as Ninfas têm como habitat locais de água doce – nascentes, rios, fontes de jardins, lagoas, lençóis freáticos etc. São de uma beleza excepcional e quando se movimentam de um lugar para o outro, fazem-no com inimitável graciosidade, saltitando com extrema leveza e doçura, como se dançassem no ar.

As Ninfas governam os ciclos da fecundidade, presumindo-se que também estejam relacionadas com a criatividade artística e o desenvolvimento das capacidades premonitórias do homem. Quando observáveis, apresentam tons azulados no corpo e a intensidade das suas vibrações são reconhecíveis através da luminosidade emitida.

Reino do Ar

Os Elementais do Ar vivem no elemento ar, não necessariamente em termos físicos, mas numa dimensão extrafísica correspondente a esse ambiente, constituído por delicada essência etérea.

São seres brincalhões e algo extravagantes, mas muito responsáveis nos trabalhos que executam. Desempenham um papel ativo na purificação do ar atmosférico, na fotossíntese e no ciclo das chuvas, entre outros.

Silfos

De acordo com antigas crenças, são os Silfos que moldam os cristais de gelo para confeccionar flocos de neve, tal como se encarregam de modelar as nuvens e de agir sobre os ventos, provocando, inclusive, grandes tempestades. Os temporais, assim como diversos fenômenos atmosféricos, são o resultado da ação desses espíritos do ar, muitas vezes secundados pelas Ondinas, devido à capacidade que estas graciosas criaturas têm de manipular o elemento água.

Neste contexto, será interessante reter-nos novamente numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, quando Kardec pergunta a um Espírito de Luz se a ocorrência das tempestades seria obra de um ou de muitos espíritos reunidos em grandes massas.

A resposta foi a de que os espíritos se «reúnem em massas inumeráveis» para esse efeito, fato que atesta, mais uma vez, a importância dos Elementais nos fenômenos naturais.

Os Elementais do ar, devido à tênue densidade dos seus corpos, vivem nos cumes gelados das montanhas ou na sutil leveza das nuvens. Entenda-se, porém, que estes seres – tal como todos os Espíritos da Natureza – não vivem no plano físico de que se ocupam, mas numa dimensão extrafísica relacionada com esse plano.

Relativamente ao homem, os Silfos exercem uma ação benéfica no estímulo e desenvolvimento mental, na regulação dos gases no organismo e no equilíbrio do sistema nervoso.

Os Elementais do ar alcançam grande longevidade, podendo chegar aos mil anos de vida. Outra característica interessante é a de terem a capacidade de assumir a aparência de seres humanos por breves períodos.

Fadas

As Fadas são figuras tão familiares que, só o simples fato de as evocar, nos remete de imediato às memórias da infância e das deliciosas histórias de encantar. Na realidade, o nome desses fantásticos seres tem origem na mitologia europeia, como a maioria das designações atribuídas aos Espíritos da Natureza.

Essas graciosas criaturas estão intimamente ligadas ao mundo das plantas e dos animais, na sua proteção e desenvolvimento, assim como na polinização das flores e na germinação das sementes. As Fadas, embora pertençam ao elemento ar, não deixam de ter uma ligação profunda com o elemento terra, dada a natureza do seu trabalho. Por esse fato há autores que incluem tais seres no reino da terra.

Quase todas as Fadas apresentam exíguas dimensões e movimentam-se de flor em flor – agitando as suas asinhas com graciosidade e rapidez – como delicadas borboletas em busca de néctar. Ao fazê-lo, transmitem eflúvios revigorantes, indispensáveis à fertilização de novas plantas, assim como se encarregam de fornecer essas energias astrais a outros seres vivos que delas carecem para viver e se reproduzir, desde um minúsculo inseto a um gigantesco elefante.

Estes maravilhosos Elementais, quando em movimento, resplandecem uma luminosidade muito brilhante e leitosa em redor do seu etéreo corpo.

Reino da Terra

Trata-se de um reino que abrange diversas criaturas, todas elas relacionadas com o elemento terra. São Espíritos da Natureza que vivem nas florestas, nas regiões rochosas, nas profundezas da Terra e nas margens de rios e lagos.

Alguns Elementais, como os Gnomos, são de pequena estatura e de aspeto atarracado, enquanto outros, como os Hamadriades, possuem elevada estatura e assemelham-se a troncos de árvores.

Outros, ainda, como os Duendes, que são responsáveis pelo reino vegetal, são verdes e têm orelhas pontudas. Todos eles, porém, são relativamente semelhantes aos humanos, embora sejam constituídos de matéria etérea.

Os Elementais deste reino ocupam-se do lado mais material da Natureza, isto é, da concreção dos corpos físicos de plantas, animais, rochas e de todo o tipo de objetos.

Hamadriades

São Elementais silvícolas que habitam nas árvores e que cuidam delas a vida inteira. Estes Espíritos da Natureza são mais frequentes nos bosques e florestas, onde existe manto florestal, mas todas as árvores, segundo a crença popular, têm um guardião que as protege, uma Hamadriade ou uma Dríade – que também é um Elemental silvícola associado aos bosques de carvalhos – que nasce e morre nessa morada permanente.

As Hamadriades encontram-se em numerosas culturas, sendo que, em algumas regiões africanas, corre uma lenda curiosa, provavelmente associada a estes Elementais.

Segundo essa lenda, a alma de um defunto sepultado num Baobá – também chamado de Imbondeiro ou Árvore-garrafa –, manter-se-á “viva” até a referida árvore morrer. Note-se que a longevidade de um Imbondeiro é... muito longa.

Quando visíveis, as Hamadriades apresentam tonalidades de um amarelo esverdeado muito reluzente. Há autores que consideram estes Elementais como sendo do elemento ar, devido a viverem a maior parte do tempo no ambiente aéreo.

Gnomos

O escritor ocultista francês Abbé de Villars (1635-1673), a propósito dos Elementais do Reino da Terra, escreveu que o nosso planeta «está cheia de Gnomos, quase até ao centro, seres de pequena estatura e que são guardiões de tesouros, de minérios e de pedras preciosas. São habilidosos, amigos do homem e fáceis de governar (...) Suas mulheres são pequeninas, mas muito agradáveis, e o seu vestuário é bastante curioso».

Estas pequenas criaturas – que podem assumir tamanhos maiores, devido à plasticidade do elemento em que vivem – ocupam-se do crescimento das rochas e dos cristais. São poderosos agentes na manipulação das forças telúricas, assim como da atividade sísmica e vulcânica, entre outros fenômenos geológicos.

Remetemo-nos novamente à obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, quando se pergunta a um Espírito de Luz se «poderia haver Espíritos vivendo no interior da Terra e dirigindo os fenômenos geológicos», ao que essa sábia entidade assim respondeu: «Esses Espíritos não habitam exatamente o interior da Terra, mas presidem e dirigem os fenômenos de acordo com suas atribuições. Um dia, tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor».

Mais uma vez se confirma o importante papel dos Elementais em todos os processos relacionados com a Natureza – neste caso dos Gnomos –, muito embora o conhecimento sobre os Espíritos da Natureza já fizesse parte da cultura dos povos antigos, muitos séculos antes da época em que viveu o ilustre grande codificador.

Em certos casos, como na formação de ossos, cartilagens e sais minerais, os

Elementais da terra trabalham em conjunto com os do elemento água. Nos animais, plantas e outros seres vivos, devido à sua complexa natureza, colaboram todas as criaturas dos quatro reinos, cada uma com a sua tarefa específica.

Considerados por alguns autores como seres gentis e por outros como criaturas irascíveis e mal-humoradas, a verdade é que há uma certa unanimidade em considerar os Gnomos como sendo leais e amistosos com o homem, quando este consegue conquistar a sua confiança e amizade.

Nestas circunstâncias, podem tornar-se poderosos auxiliares em trabalhos de magia, desde que os propósitos sejam bem-intencionados, isto é, virados para o bem e nunca para o mal.

Duendes

Os Duendes são seres semelhantes a humanos, podendo apresentar-se com o aspeto de velhos ou de jovens. De estatura pequena e cabeça volumosa, encimada por um chapéu bicudo, estes Elementais trajam roupas verdes e costumam ter narizes grandes e orelhas pontiagudas.

Muito curiosos e com capacidades mágicas, os Duendes ocupam-se, entre outras tarefas, da vegetação dos campos, florestas e jardins. São, por assim dizer, os jardineiros etéreos das plantas, flores e cogumelos. Aliás, segundo a tradição popular, é nos cogumelos que eles fazem as suas casas, sendo que quando há grande quantidade de cogumelos num determinado local é quase certa a presença de uma animada comunidade de Duendes.

Muito brincalhões, por vezes exageram nas suas travessuras, fato que pode criar alguns dissabores. No entanto, são muito alegres e gostam de ajudar, sobretudo quando ganham a confiança do homem, tornam-se amigos leais e protetores.

Certas lendas de cunho popular referem que os Duendes têm à sua guarda um pote de ouro, localizado no final de um arco-íris. Outras lendas, ainda, dizem que estes Elementais fabricam ouro falso para enganar os homens cobiçosos que os acercam, o qual desaparece pouco depois de ser levado...

Os Duendes atingem grande longevidade e chegam a constituir numerosas famílias.

Reino do Fogo

Um grupo muito pouco conhecido é o dos espíritos do fogo, não apenas por serem os Elementais menos amigáveis com os humanos, mas também pela dificuldade de acesso e comunicação devido ao ambiente agreste em que vivem.

Salamandras

Estes seres são considerados os mais poderosos de todos os reinos da Natureza e designam-se por Salamandras, um termo que engloba diversas espécies. São frequentemente utilizados na limpeza astral de ambientes onde se vão realizar trabalhos espirituais.

Segundo o alquimista Paracelso, os espíritos do fogo ou Salamandras apresentam-se de diferentes formas, «desde bolas de fogo até línguas de fogo», semelhantes a lagartos, que eram vistos a rodopiar e a gritar no meio das labaredas. Não seriam lagartos, mas salamandras, nome que os identifica e que está relacionado com a classe dos anfíbios.

Outros autores defendem, ainda, que esses Elementais podem atingir proporções gigantescas e que, quando se torna possível observar as suas feições, o que é raro, os traços fisionômicos dessas criaturas são duros e encrespados.

Sem a existência das Salamandras, o fogo, como reação química da oxidação de um combustível, jamais se poderia manifestar, assim como o calor, a luz e demais produtos daí resultantes. Acresce, ainda, que estes Elementais também atuam na área emocional do homem e dos animais, tal como nos seus aspetos fisiológicos, nomeadamente na corrente sanguínea e em órgãos como o fígado.

Os espíritos do fogo pela convivência no dia a dia com o homem, desde os longínquos tempos da Pré-história, acabaram por adquirir certas formas de emoções e de pensamentos que, pelo fato de gerarem boas vibrações, anulam as energias negativas do meio circundante, possibilitando, assim, um ambiente de paz e de conforto na vida dos seres humanos.

Torna-se claro, então, que não é só o calor aprazível de uma lareira ou fogueira que promove um clima agradável de aproximação e convívio entre as pessoas ao seu redor, mas também o salutar poder energético dos Elementais do fogo que aí estão presentes.